

AS FAVELAS E OS MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS: UM ESTUDO DE CASO NO BAIRRO SANTA FÉ - HORTA (LONDRINA/PR)

Eduardo Romero de Almeida¹

Maria Olívia Buzato de Carvalho²

Bianca de Matos³

Leandro Correa André⁴

Resumo:

A presença das favelas e dos movimentos sociais são fatores fundamentais para o entendimento do espaço urbano fragmentado e articulado, sendo ao mesmo tempo condição social e campo de lutas, provocando desigualdades socioespaciais e contradições ligadas diretamente com a produção da pobreza. Buscamos nesse trabalho um diálogo entre a vida humana e a construção do seu espaço, para isso buscamos apresentar Londrina, especificamente a favela Santa Fé – Horta, como palco das contradições urbanas quando falamos das relações que os movimentos sociais possuem no processo da favelização. Além disso, objetivou-se compreender como a vida do espaço de estudo pode ser percebida pelos seus moradores, quais são suas relações com os movimentos sociais urbanos londrinenses e quais são os riscos e vulnerabilidades identificados na paisagem desse lugar.

Palavras-Chave: Habitação Irregular; Pobreza; Lutas Sociais

Introdução

A favela tem sido um tema de investigação na ciência geográfica brasileira desde seu surgimento, sendo uma temática que envolve vários atores políticos como o Estado, ONGs, a Igreja e como especificamente vamos tratar neste trabalho, os movimentos sociais urbanos. Apesar de serem dois conceitos complexos, favela e movimentos sociais urbanos, ousamos fazer uma análise da

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL) - eduardoromeroalmeida@gmail.com

² Universidade Estadual de Londrina (UEL) - buzato.olivia@gmail.com

³ Universidade Estadual de Londrina (UEL) - bianca.matos11@uel.br

⁴ Universidade Estadual de Londrina (UEL) - leandro.correa@uel.br

materialidade e imaterialidade desses conceitos no espaço geográfico da cidade de Londrina/PR, com um foco mais apurado ao caso da favelização do bairro Santa Fé, na zona leste da cidade.

Ressaltamos a importância de se compreender as transformações socioespaciais no tempo e os interesses envolvidos na produção do espaço urbano desarticulado dos interesses sociais. Enfatizamos uma tentativa de se analisar a formação da espacialidade do bairro Santa Fé na zona leste da cidade de Londrina, assim como suas problemáticas e a atuação dos movimentos sociais nas lutas por direito à cidade e condição de vida digna.

Na seção 1 enfatizamos a análise da relação entre os conceitos de pobreza, a identidade entre as favelas e nas favelas, e como esses dois processos se desdobram em desigualdades socioespaciais. Tais conceitos estão especificamente focados na América Latina e mais ainda no Brasil, enfatizando a necessidade de observar a totalidade para se compreender o espaço banal, o qual é e deve ser de total interesse dos geógrafos (Santos, 1996, p.14).

Durante a seção 2 discutiremos sobre a ação dos movimentos sociais urbanos nas e sobre as favelas, trazendo à tona suas origens, diferenças e como eles têm agido no processo de segregação socioespacial. Nessa análise buscaremos apresentar as contradições responsáveis por impedir a ação dos movimentos sociais e como isso tem se refletido na identidade das favelas, entendendo sua ação dentro dos territórios que lhes cabem, porém, interligadas à teia do espaço geográfico.

Afunilando mais a escala para nosso objeto de estudo, a seção 3 tratará da favelização e das lutas dos movimentos sociais especificamente no caso de Londrina. Serão definidas as principais problemáticas que essa relação tem desencadeado, levantadas origens das favelas londrinenses e dos movimentos sociais ligados a elas e como as ações de repressão e resistência estão presentes na configuração socioespacial das favelas.

A seção 4 tem como objetivo apresentar os resultados obtidos sobre o estudo de caso na ocupação de caráter irregular no Bairro Santa Fé - Horta, o qual classificamos como área de favela. Serão divulgados os resultados das entrevistas feitas com os moradores, além de apresentar as

origens da ocupação no bairro e como ela vem se desenvolvendo ao longo do tempo, mostrando a relação dos moradores com os riscos socioambientais existentes no local.

Na conclusão estão sintetizadas as discussões feitas durante o artigo, as quais têm como finalidade mostrar as principais características dos movimentos sociais urbanos e das favelas, especificamente no caso Londrinense, e como eles interferiram e interferem no processo de formação da favela do bairro Santa Fé. Além disso, ressaltamos a importância da análise da paisagem durante o campo e como ela pode expressar ou ocultar a história do espaço geográfico analisado.

Mesmo adotando um anarquismo epistemológico e metodológico, compreendemos que o foco da discussão deve estar na interferência desses processos na formação do cidadão e do seu direito à cidade. Assim, os autores e dados selecionados foram de encontro com essa perspectiva, a fim de buscar soluções para os empasses e contradições do espaço urbano, principalmente para aqueles que mais sofrem opressão diária no seu cotidiano.

Materiais e Métodos

Para fins metodológicos, tomamos a favela e os movimentos sociais como categorias de estudo, tendo como sustentação outros conceitos chave como: pobreza, segregação socioespacial, cotidiano, identidade, totalidade e lutas sociais. Não pretendemos fazer uma análise minuciosa sobre as teorias por trás de cada conceito, mas sim mostrar a interseccionalidade entre eles com as categorias propostas e ressaltar a importância da geografia trabalhar esses temas, as quais mostram realidades muitas vezes estereotipadas na grande mídia.

Tanto a favela quanto os movimentos sociais urbanos apresentam grandes divergências de definição ao longo da história, como é apresentado nos estudos de Castro (2018), Godim (2010), Maricato (2001) e do Observatório das Favelas (2009), Gohn (2008) e Alonso (2009). Tal fato tem dificultado a formulação de políticas públicas efetivas para as populações que vivem nas favelas e também uma ação mais concreta dos movimentos sociais urbanos, os quais hoje não lidam apenas com questões voltadas para a habitação, mas também o acesso aos serviços públicos, instalação de

infraestrutura, inserção no mercado de trabalho, riscos ambientais entre outras problemáticas urbanas.

Tendo noção da situação de crise conceitual apresentada, nossa pesquisa visa contribuir na identificação das particularidades de dificuldades conceituais ao trabalhar com o tema favela e movimentos sociais urbanos interligados, identificando como essa crise conceitual aparece no caso londrinense e mais especificamente em grandes escalas na cidade, apresentando singularidades de divergências das favelas e dos movimentos sociais urbanos presentes no recorte espacial proposto.

Para isso foi feita uma revisão sistemática sobre estudos que trataram das favelas na cidade de Londrina, além de documentos oficiais de relatórios que tratam da questão de habitação no município para entendermos as singularidades das favelas londrinenses. Toda via, com foco no entendimento nas dinâmicas espaciais na ocupação do fundo de vale no bairro Santa Fé, foram feitas entrevistas com os moradores locais para entender o processo de ocupação e as principais dificuldades encontradas na habitualidade do local.

Durante as entrevistas foram feitas perguntas com as seguintes temáticas: Tempo e motivo de permanência no local: razões para a ocupação daquele lugar, Profissão, número de membros da família na mesma residência, acesso à saneamento básico, mobilidade, segurança, relação afetiva com o lugar, participação em movimentos sociais no local e impactos causados no locais por dinâmicas naturais (como inundações e alagamentos). Foram entrevistadas 6 pessoas em localizações diferentes da ocupação, tal procedimento objetivou identificar a possibilidade de haver vulnerabilidades e riscos socioambientais diferentes ao longo do espaço da ocupação.

Resultados e Discussão

1. Favelas: como entendê-las?

O fenômeno urbano das favelas vem sendo debatido por diversos cientistas sociais ao longo da história, entre eles sociólogos, geógrafos, historiadores, além de arquitetos e urbanistas, o que trouxe debates interdisciplinares sobre o tema, trabalhado por diferentes concepções teóricas e

metodológicas. Ao enquadrarmos a favela na ciência geográfica necessitamos compreendê-la dentro da lógica de reprodução do espaço geográfico, mais precisamente do espaço urbano.

O espaço urbano segundo Corrêa (1993, p.13) “é fragmentado e articulado, reflexo e condição social, e campo simbólico e de lutas”. Carlos (2007, p.50) ainda ressalta a forma de como esse espaço é condição, meio e produto para diversos processos que integram a sua existência. A cidade se torna a materialização do urbano por meio de ações contraditórias, sendo eminentemente um processo de apropriação humana em várias escalas como a econômica, política e social, responsáveis por produzir e reproduzir continuamente o processo de diferenciação socioespacial (Carlos, 2007, p.51)

A favela se enquadra no espaço urbano ao ser resultado da sua própria fragmentação e articulação, gerando condições de desenvolvimento da população residente destes locais de forma diferente de outras áreas da cidade. Essa configuração resulta em diferentes concepções simbólicas desses espaços, além de serem palco e condição para as lutas que a condição urbana capitalista necessita para sobreviver. Tais lutas urbanas são resultado do próprio processo de uso do espaço na humanização e as favelas fazem parte do processo de negação do espaço urbano para o homem, o qual passa ser cada vez mais vinculado ao capital (Carlos, 1997, p.82).

Com as reflexões colocadas aqui sobre a caracterização do espaço urbano das/nas favelas, gostaríamos de pontuar outro fenômeno participante da produção e reprodução das cidades: a pobreza. Palavra ainda tratada como tabu pelos geógrafos e organizações internacionais ao resumir sua essência aos dados quantitativos de renda. Para Milton Santos (2009, p.18)

A definição de pobreza deve ir além dessa pesquisa estatística para situar o homem na sociedade global à qual ele pertence, portanto, a pobreza não é apenas uma categoria econômica, mas também uma categoria política acima de tudo. Estamos lidando com um problema social.

Ao fazer um paralelo com as favelas vemos como ambos os conceitos têm sido tratados de forma simplista por cientistas sociais e planejadores urbanos. Afinal, a favela também tem sido observada de forma simplista como espaços de negação, marcando a favela por estigmas como a falta de saneamento básico, iluminação pública, habitação regular, asfaltamento, segurança, entre

outros critérios que norteiam os estereótipos da favela como é pontuado nos trabalhos de (Maricato, 20??), Gondim (2010) e Observatório das Favelas (2009).

A pobreza e as favelas estão interligadas pelo próprio processo de formação do ser humano no sistema capitalista, são partes integrais da totalidade do espaço de união e segregação, negadas continuamente pelos estigmas que ambas carregam. O não entendimento dessas categorias no campo político é a própria negação da cidadania da população que está representada nesses conceitos.

A cidadania que “é, sobretudo, uma questão de poder, os contornos de sua efetivação se delineiam sob a pressão de empenhos diversos que procuram encontrar espaço de expressão e negociação política pelos diferentes grupos de interesses e movimentos da sociedade” (Oliveira, 2017, p.197). A negação da cidadania é conseqüentemente a negação das territorialidades desses grupos, reduzindo-os apenas como consumidores ao mensurarem em estudos a sua renda e poder de compra, negando completamente o poder político desses grupos.

A conseqüência dessa prática de negação da cidadania na cidade é a formação de populações sem direito de fala e sendo reduzidas a discursos produzidos na externalidade das suas vivências. Souza (2009), para evidenciar essa situação trabalha o conceito de discursos heterônimos, o qual é caracterizado como:

[...] aquele produzido por indivíduos e instituições direta ou indiretamente comprometidos com a perpetuação de desigualdades e assimetrias estruturais, legítima, reforça e fomenta a heteronomia, em qualquer uma de suas manifestações (dominações de classe, sexismo, racismo etc.). (p.154)

A partir desses discursos surgem novas terminologias que vão designar eufemismos incapazes de lidar com o problema estrutural que assola as favelas e a pobreza. Palavras como “comunidade”, “população carente”, “mais necessitados” vão apenas reproduzir uma lógica que impede de dar voz a uma população oprimida. Podemos inclusive citar Freire (1970, p.26) o qual afirma a constante utilização dessas palavras que, usadas como gestos de “boa índole” e caridade, representam na verdade justificativas de um discurso de falsa generosidade, utilizado pela classe dominante como um instrumento de poder e dominação.

A proliferação desses discursos sobre o pobre e o favelado interfere diretamente no cotidiano, ao mesmo tempo criado e imposto para as pessoas representadas nessa situação, dificultando por exemplo o acesso a empregos pela falta de endereço regular. Esse exemplo claro pode ser observado na cidade ao correlacionarmos com influência dessa população nos subsistemas chamados circuitos inferiores da economia urbana, conceito proposto por Milton Santos (2009) que, de maneira simplista é “formado essencialmente de diferentes tipos de comércio, e de produção de bens manufaturados de capital não intensivo, constituída em grande parte de artesanato e também de toda uma gama de serviços não modernos” (SANTOS, 2009, p.48).

Ao interagirem com esse subsistema vemos como essas pessoas participam do dinamismo de produção e reprodução do espaço urbano, ou seja, as morfologias que a população pobre forma estão estritamente ligadas com a sua apropriação econômica do espaço por meio do consumo. Portanto, “O circuito inferior em seu entrelaçamento com a cidade é também um produto de economia que se fundamenta no trabalho vivo e de dinamismos que se ligam ao modo de vida urbana” (OLIVEIRA, 2009, p.201).

A partir da inserção dessas populações no circuito inferior da economia, temos as diferentes formas que as favelas vão tomando dado concomitantemente com ações recentes de alguns governos de urbanizar as favelas, muitas vezes levando a um processo de gentrificação, o qual não vamos adentrar nessa discussão. Contudo vale ressaltar as diferentes identidades que as favelas brasileiras vão revelando, mostrando como ideias pré-estabelecidas sobre sua concepção se mostram cada vez mais erradas.

No estudo de Da Mata et al (2008, p.53) é apresentado diferentes padrões espaciais de favelas segundo os dados do IBGE, apesar de acharmos a classificação de aglomerados subnormais do IBGE insuficiente para tratar das favelas, consideramos importante sua contribuição na identificação de alguns padrões espaciais. Podemos observar por exemplo os diferentes espaços apropriados pelas favelas nas diferentes cidades brasileiras, indo desde áreas de fundo de vale, sopé e vertentes de morros, ou até mesmo áreas de restingas, indo de padrões que variam da extrema periferia ao centro da cidade (MARICATTO, 2001, p.2).

Voltando à pergunta inicial que nomeia esse tópico percebemos a grande complexidade de processos que envolvem as diferentes formas de entender as favelas. Diversos autores ainda trazem outras problemática das favelas não trabalhadas aqui, como a problemática dos riscos e vulnerabilidades (MENDONÇA, 2010), as formas de cultura e resistência nesses locais, a problemática do turismo nas favelas (FREIRE-MEDEIROS, 2007), entre outros. Isso mostra um campo rico para a geografia pesquisar e se apropriar no estudo do espaço urbano.

Entretanto, gostaríamos de enfatizar a necessidade de pensar as favelas brasileiras com a responsabilidade ética de auxiliar a formação cidadã e buscar um entendimento mais acirrado do papel das pessoas e da vida no espaço banal que elas vivem, sintetizados no que chamamos de cotidiano (SANTOS, 1996). Por isso enfatizamos a seguir o papel dos movimentos sociais urbanos nas constituições das favelas, voltando ao conceito da cidade como um espaço de lutas, especificamente analisando o caso dos movimentos sociais urbanos relacionados a América Latina e ao Brasil.

2. Os movimentos sociais das favelas

A concepção de “movimentos sociais” foi, ao longo tempo, se modificando, acompanhando o desenvolvimento social. Atualmente se entende como movimento social “ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas (GOHN, 2008).

Por estar intrinsecamente ligado à sociedade, os movimentos coletivos possuem causas e lutas das mais diversas. Os movimentos sociais nascem tanto das problemáticas urbanas constituídas no desenvolvimento do capital dentro das cidades, caracterizadas na discrepância no acesso a água, ao saneamento básico, aos transportes coletivos, à saúde, etc. (JACOBI, 1986, p.222), assim como uma forma de resposta à ascensão do autoritarismo na América Latina em específico e também como resposta ao desenvolvimento da industrialização nos denominados países subdesenvolvidos (CARDOSO, 1987, p. 27). Porém, nas últimas décadas os movimentos sociais não mais se restringem a questões políticas, trabalhistas, socioeconômicas e etc., eles passam a abranger problemáticas de cunho identitário e cultural também (GOHN, 2008, p. 442).

Os movimentos sociais das favelas brasileiras estão inseridos dentro de uma categoria denominada “Movimento Sociais Urbanos”. Essa categoria, dentro dos movimentos coletivos, tem por objeto de estudo desde os movimentos mais bem estruturados até os mais espontâneos, assim como os movimentos “quebra-quebras” e os movimentos tidos como reivindicatórios. A investigação da temática é voltada, essencialmente, ao processo de periferização de determinadas classes da sociedade por meio das contradições existentes dentro do espaço urbano (JACOBI, 1986, p. 224).

Usaremos como base de apoio, visto a numerosa bibliografia a respeito do assunto e para melhor entendermos como se desenvolvem e se organizam os movimentos sociais das favelas, obras que versam sobre a realidade das favelas da cidade do Rio de Janeiro, desde as primeiras décadas do séc. XX até a virada do milênio.

Há mais de um século as favelas compõem a realidade e a paisagem das grandes cidades brasileiras, sendo tema de inúmeros debates e das mais diversas impressões no decorrer da sua existência. Já no século XX as favelas, e ainda hoje no Rio de Janeiro, assim como as das outras grandes cidades, despertavam um olhar negativo por parte dos moradores de bairros centrais e/ou de poder aquisitivo maior, sendo aquela realidade vista como uma doença que deveria ser eliminada, assim como as pessoas que lá viviam (NETO; LOURENÇO, 2009, p. 136-137). Uma vez que suas

[...] habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano urbano, sem esgoto, sem água, sem luz, ou seja, um espaço de ausência, de carência e que guardava em seu interior um perigo constante para a sociedade, uma vez que era habitada por “vagabundos”, “malandros”, “gente perigosa”, um refúgio para criminosos e desertores (Zaluar; Alvito, 2006 *apud* NETO; LOURENÇO, 2009, p. 136-137).

As características de infraestrutura das favelas, acima citadas, iam de encontro com o modelo de cidade idealizado pela concepção urbanística no Rio de Janeiro, na década de 1920. Tal concepção tinha como objetivo o “embelezamento”, a transformação da cidade, contudo para atingir tal objetivo seria necessário um novo planejamento da mesma. Visando esse propósito, o poder público, no papel da Prefeitura do Rio de Janeiro criou alguns mecanismos que impediam possíveis melhorias nas favelas, negando melhores condições de vida e habitações às populações que ali se encontravam. No entanto, os mecanismos higienistas não surtiram o efeito desejado e as

favelas, nos anos 1940, passaram a crescer de forma acelerada. (NETO; LOURENÇO, 2009, p.139).

Os residentes das favelas, visando uma melhor condição de moradia, passam a se mobilizar em movimentos, onde, principalmente no

final dos anos 40 e a década seguinte vão assistir ao surgimento e desenvolvimento de iniciativas que tentam defender o espaço da moradia popular, lutando por melhorias nessas localidades, como saneamento e eletrificação. Temos a União dos Trabalhadores Favelados (UTF), ligada ao PCB, e o movimento ligado à Igreja Católica, especialmente a Dom Hélder Câmara, responsável pela criação da Cruzada São Sebastião, no Leblon. Com este mesmo intuito foi criada a Fundação Leão XIII, em 1947, por sugestão do Arcebispo do Rio de Janeiro D. Jaime de Barros Câmara. Sua finalidade era “dar assistência material e moral aos habitantes dos morros e favelas do Rio de Janeiro” (VALLA, 1985 *apud* NETO; LOURENÇO, 2009, p. 140).

Após esse momento de crescimento, tanto dos movimentos sociais, como das reivindicações e conquistas, por parte do povo residente da favela, houve período de “estagnação” da atuação dos movimentos, em especial a da Federação das Associações das Favelas do Estado da Guanabara (Fagef), devido ao golpe militar de 1964. Com a redemocratização, os movimentos passam a atuar novamente, só que agora de modo mais independente e organizado. A partir deste momento passamos a observar uma mudança no que diz respeito a atuação do governo carioca em relação à favela e seus moradores. São criadas algumas políticas públicas, como a “Cada Família um Lote”, que tinha como objetivo a regulamentação dos terrenos e possibilitar melhorias nas residências (PANDOLFI; GRYNSZPAN, 2002, p. 246).

Assim como o poder público passou a atuar de maneira mais presente, dentro das favelas, vemos a presença maciça de Organizações Não-Governamentais que passaram, nos anos 90, a atuar junto com moradores das favelas. Assim sendo, passa-se a ter uma quantidade numerosa de entidades que, por possuírem objetivos, causas, lutas e filosofias diferentes acabam por competir entre si, criando assim um sentimento de fragmentação dentro da favela. Outro fator que também contribuiu para esse sentimento de desintegração entre movimentos dentro da favela se encontra

no fato de lideranças locais passarem a trabalhar junto com o poder público, desmobilizando assim os movimentos dos moradores (CARVALHO, 2003, p. 9).

É justamente nesses fatores que se encontra a dificuldade da formação de uma identidade mais ampla dentro da favela, uma vez que as favelas acabam por abrigar pessoas das mais variadas características e origens. Contudo, não devemos ver essa fragmentação como algo ruim, mas sim como uma consequência do pluralismo de pessoas, ideias, crenças etc., que encontramos nas favelas.

Os movimentos sociais de moradores das favelas, se apresentam como uma forma de existência e resistência às tentativas de parcelas da sociedade que almejam a “higienização” e a extinção das favelas, assim como o “embelezamento” da cidade. Os moradores, quando organizados em prol de um objetivo são capazes de ver as suas demandas atendidas e seus direitos respeitados.

3. As favelas e lutas em Londrina

Segundo a COHAB (Companhia de Habitação de Londrina), assentamentos precários podem ser definidos como:

todas as áreas que apresentam: precarização de infraestrutura (saneamento-água, esgoto, coleta e tratamento do lixo), no sistema de transporte coletivo, nas condições de habitabilidade; ocupação por seguimentos de trabalhadores, majoritariamente com renda entre zero e três salários mínimos; não tenham sido objeto de regularização fundiária (COHAB, 2009, p. 7).

Esses assentamentos precários estão subdivididos em três grupos: favelas urbanizadas, assentamentos e ocupações em terrenos públicos e privados. No entanto, muitas dificuldades são encontradas ao tentar classificar esses conceitos pois estes apresentam particularidades em seus dados que muitas vezes não se enquadram na classificação genérica do conceito.

Londrina foi uma cidade com um rápido crescimento populacional, criada na lógica capitalista onde o sistema de mercado se pautou primordialmente em transações imobiliárias e o uso da terra fértil. Esse mercado atraiu trabalhadores tanto para a construção civil como para a agricultura, e era conduzido pelas classes dominantes que dessa forma tiveram prioridade e condições para se

instalarem nas melhores áreas, ou seja, nas áreas centrais e ao entorno da principal rede hídrica do município.

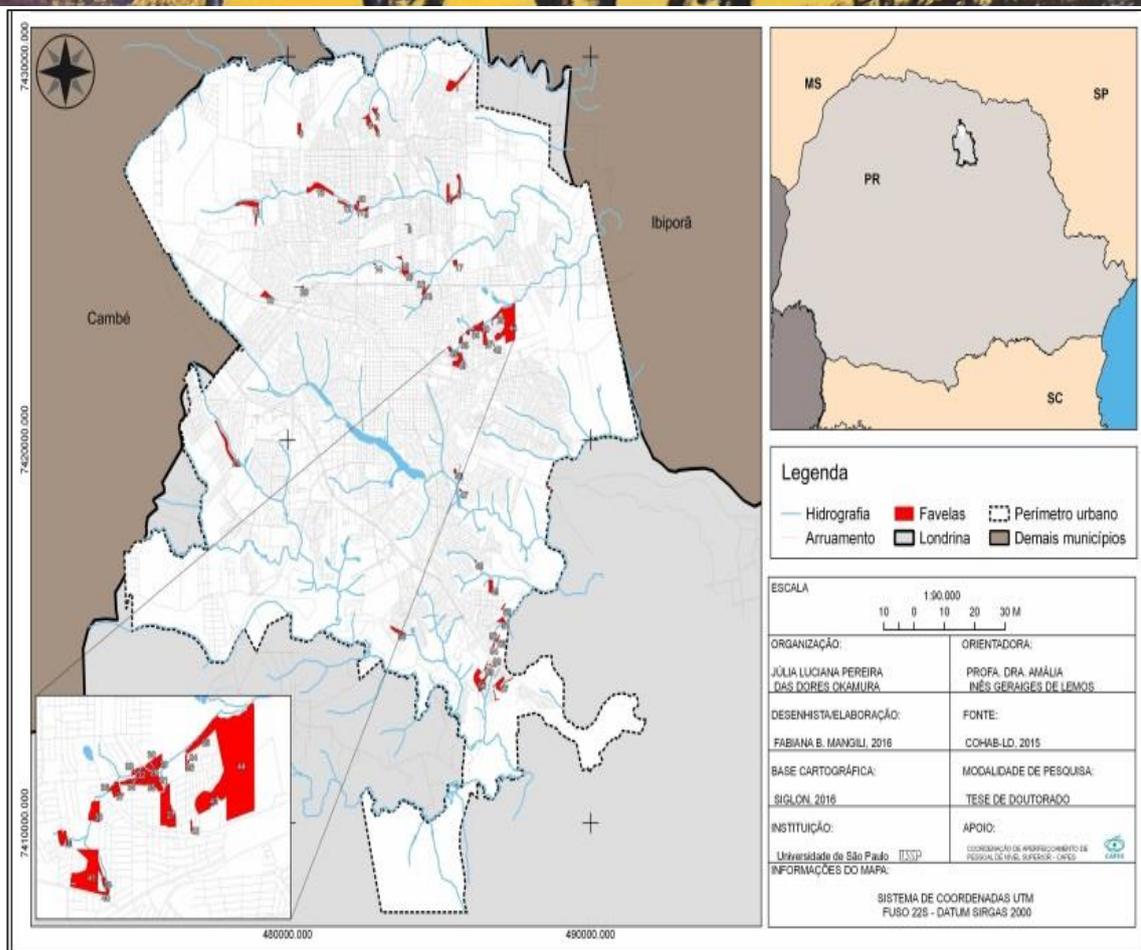
Essa lógica resultou em uma segregação socioespacial e na exclusão de uma parcela da população do acesso à moradia e a recursos de bem-estar social. Por conta disso e do caráter populista da década de 1970, foram criados os Conjuntos Habitacionais populares direcionados para essa camada excluída do mercado imobiliário e distantes das áreas centrais. No entanto, esses não foram suficientes para o intenso fluxo migratório da época e resultou na formação de moradias auto- construídas e de baixíssimas qualidades, tanto de saneamento, quanto de estrutura e acesso e, sem ação do poder público, dessa forma, estas foram se organizando em diferentes porções do espaço.

Essa dinâmica de alto fluxo migratório e a não absorção dessa população pelo mercado de trabalho, foi a tônica para a formação das favelas, assentamentos, cortiços, entre outras moradias com péssimas condições de vida.

As favelas eram constituídas por domicílios para mais de 5 pessoas, cuja renda mensal era inferior a 1 salário mínimo. Segundo dados do relatório da Lei de ZEIS, fizeram parte deste contexto os núcleos conhecidos como Bom Retiro, Grilo, Esperança, Pito Aceso, Grilinho, Boa Vista, Novo Mundo, Vila Paulista e Mariza. Dados da COHAB de 2014 apresentam informações das favelas em Londrina, abordando a favela tema deste estudo, a Fundo de Vale Santa Fé Horta.

As áreas precárias geralmente estão associadas à problemáticas como carência em equipamentos básicos, postos de saúde, escolas, creches, áreas de lazer, mobilidade e dificuldades de acesso às áreas de consumo coletivo. Em Londrina, o maior número de favelas se concentra na região leste da cidade.

Figura 1 - Mapa de localização das favelas em Londrina-PR,2014.



Org: OKAMURA, Júlia Luciana P. D. D., 2018

Fonte: COHAB-LB, 2015

As trajetórias de luta de movimentos sociais influenciam na dinâmica da organização interna das favelas. Segundo (MELCHIOR, SILVA, 2005, S/P)

Nas áreas em que se tratava de ocupações organizadas por movimentos sociais, foi possível perceber nos depoimentos registrados uma consciência que se transforma num poder de negociação com o poder público, que conduz a um sentimento de pertencimento às áreas de ocupação.

A organização social das favelas é muito complexa e interessante visto que são as responsáveis pela luta ao direito à sobrevivência, saúde, moradia, educação, trabalho, ou seja, a luta pelo direito de usufruir da cidade como a população dos bairros regularizados. Como exemplo temos o bairro

União da Vitória, que carrega em seu próprio nome a luta da população e a união com o objetivo em comum da população. Além disso temos a ocupação Flores do Campo, que se tornou um dos símbolos na luta por moradia no norte do Paraná. São centenas de famílias que resistem aos constantes ataques do Estado na busca por moradia digna, ocupando um terreno que seria destinado ao programa “Minha Casa, Minha Vida”, mas que até o momento da ocupação, não tinha função social alguma.

Sendo o espaço urbano um campo de lutas, se faz necessário a abertura de fóruns de discussão a respeito da moradia que chamem a atenção do poder público para as situações de moradias precárias. Além disso, a firme resistência contra a repressão do Estado, que de forma a se questionar, fecha os olhos para as inúmeras precariedades presentes no direito básico do ser humano e na realidade da cidade de Londrina, o qual tem uma imagem de “boa cidade para se viver”.

Dessa forma, acaba atraindo inúmeros trabalhadores e famílias que acreditam na oferta de trabalho e boa qualidade de vida, e dessa forma acabam ficando à mercê das baixas condições de vida, pois a cidade não tem condições de absorver esse fluxo de cidadãos no mercado de trabalho e com qualidade de vida. De forma, a luta dos movimentos sociais se faz imprescindível na organização dessa população carente, pois é ela quem pressiona o Estado e garante a passos curtos, direitos básicos da população, que entre eles e talvez o mais importante, está o da moradia.

4. Estudo de caso - Favela Santa Fé - Horta

As favelas em Londrina configuram-se espacialmente seguindo o processo histórico de urbanização intensa desde da década de 1930 e seu acirramento ocorre por diferentes fatores que atuam na intensificação do processo de favelização. A impossibilidade de acesso à propriedade privada e a negligência do Estado em garantir a moradia à população somam-se ao processo de configuração espacial de Londrina e as primeiras manifestações da segregação socioespacial estão relacionadas à expansão urbana por contingente populacional (Castro, 2018 p. 77-78).

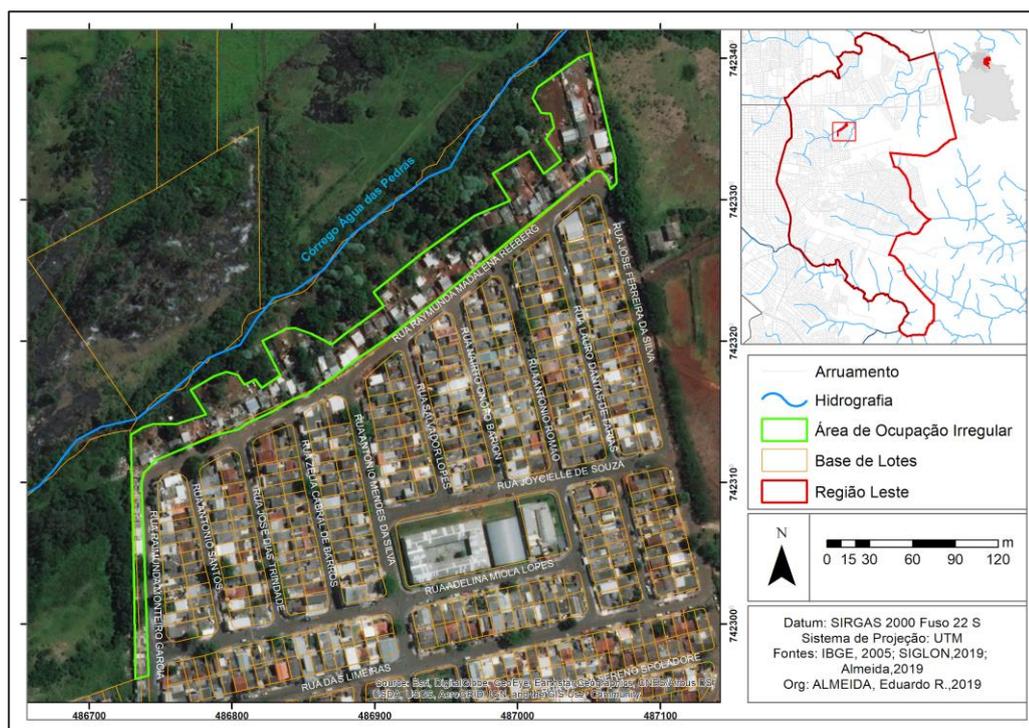
O estudo de caso foi realizado levando em consideração os espaços onde estão localizadas as favelas em Londrina que, segundo Castro (2018, p. 80) estão distribuídas em todas as regiões da cidade. Na região leste, as favelas se instalaram principalmente ao redor do Córrego Água das Pedras. A proximidade da localidade com a linha de trem e barracões de armazenamento de produtos agrícolas caracteriza a desvalorização da área, assim como é possível compreender a

ocupação da região pela proximidade desta com o antigo centro comercial da cidade. Nos anos 1990, algumas dessas favelas tornaram-se loteamentos, porém as ocupações irregulares se mantiveram e se agravaram nos fundos de vale, no entorno do Córrego Água das Pedras (Castro, 2018 p. 84).

A favela Santa Fé - Horta se localiza na região Leste da cidade de Londrina (Figura 1) e foi ocupada a partir do ano de 1992. O estudo de campo foi realizado no dia 30 de novembro de 2019 e foram estabelecidos alguns pontos temáticos para nortear a pesquisa, questionamentos para serem abordados na entrevista em função de entendermos a realidade daquele espaço.

A entrevista ocorreu por meio do diálogo com a população que habita as áreas irregulares do Jardim Santa Fé - Horta, recorte espacial não regularizado por loteamentos e que está situado no fundo de vale do Córrego Água das Pedras. A pesquisa realizada contou com a entrevista de cinco moradores locais (homens e mulheres) que habitavam distintos pontos do terreno e em consequência disso, obtinham diferentes visões da realidade do lugar.

Figura 1 - Mapa de localização da Favela Santa Fé - Horta em Londrina



Org: Eduardo Almeida, 2019

Os principais pontos abordados nas entrevistas com a população foram os seguintes:

Considerando as características geomorfológicas do terreno, as diferenças locais de ocupação daquela área pela população e a divergência de visão entre os homens e as mulheres entrevistados estruturou-se a análise dos resultados obtidos no estudo.

Percebemos em campo a forma desigual de como se deu a ocupação do fundo de vale no Jardim Santa Fé. A população que se situou mais próxima do rio e conseqüentemente construiu casas em terrenos mais baixos - fundos de vale - e íngremes (Figura 2), sofre a insegurança acentuada pela situação de fragilidade ambiental da área. A ocorrência de chuvas fortes é uma ameaça para a população que vive em condições precárias de habitação, casas em sua maioria construídas de madeira e tijolos velhos. Na fala dos primeiros entrevistados pudemos observar que a maior dificuldade que encontram é em decorrência das chuvas fortes, que inundam as casas e as danificam, acentuando as condições já precárias de moradia. Essa realidade está presente nas construções situadas em fundos de vale, áreas de grande vulnerabilidade socioambiental, suscetíveis à ocorrência de desastres ambientais agravados pelas ocupações irregulares.

Figura 2 - Imagem das construções próximas ao Córrego Água das Pedras



Fonte: Maria Olivia B. de Carvalho, 2019.

Quando nos referimos ao acesso à infraestrutura e saneamento básico, foi relatado o contentamento da população em relação à existência do posto de saúde próximo; infraestrutura de transporte aceitável, pois as linhas de ônibus passam ao lado das casas; escolas próximas; a tranquilidade e segurança do lugar foi algo pontuado pela maioria e alguns relataram a presença constante da polícia no bairro; em relação à infraestrutura de saneamento básico, as ligações são feitas de forma clandestina, assim como o acesso à luz e água. A coleta de lixo é realizada três vezes na semana e o resultado é favorável à população residente.

As características comuns da população localizada no Jardim Santa Fé - Horta são referentes às origens dos mesmos, vindos de diversas cidades e estados, assim como com procedência de variadas regiões e experiências de habitação dentro da cidade. A presença da maioria dos entrevistados no bairro é resultado da expulsão por aluguel da cidade e data de aproximadamente vinte anos, sendo que em alguns casos se agrega à essa condição a espera de uma unidade de habitação por parte da Companhia de Habitação de Londrina. As profissões que se destacam para os homens entrevistados são as de pedreiro e pintor, sendo que as três mulheres entrevistadas trabalham como diaristas fora do bairro. Todos os entrevistados moravam com algum ente da família, seja filho, neto, esposo e esposa.

Encontramos diferença entre as falas de moradores homens e mulheres no que se refere à qualidade de vida. As mulheres entrevistadas relataram a dificuldade e precariedade do bairro, noticiando os estragos que a chuva causava naquela vulnerável infraestrutura (Foto 2), a falta de alguns horários de ônibus e dependendo da localização da casa, reclamações a respeito da distância do Posto de Saúde.

Figura 2 – Moradias Precárias na Favela Santa Fé - Horta em Londrina



Fonte: Maria Olivia B. de Carvalho, 2019.

Dentre as questões a serem abordadas na entrevista estava aquela referente aos movimentos sociais, pensada com o intuito de compreender se existe a ação de algum movimento social naquele espaço, mobilizando os moradores do bairro no desenvolvimento de projetos e ações voltadas à conscientização e luta pela moradia e condições de vida dignas. Os moradores entrevistados em sua totalidade desconheciam a ação de movimentos sociais no bairro, o que nos leva a pensar na ausência da mobilização em alguns espaços da cidade.

Considerações Finais

Entre os divergentes entendimentos do conceito de favela podemos perceber pontos singulares que caracterizam esses espaços como de extrema pobreza e a segregação, instaurados permanente da relação dos moradores com a produção do urbano. Tal fenômeno resulta na falta de cidadania instalada nessas porções da cidade, norteadas sempre pela lógica da reprodução capitalista e a insustentabilidade do sistema em prover condições básicas à população. As características estruturais da produção do espaço urbano nos permitem pensar a cidade enquanto constante produtora de espaços segregados, que estão ao mesmo tempo inseridos estruturalmente na cidade e excluídos dos direitos à cidade.

O conceito de direito a cidade assume um papel crucial para o entendimento das ações dos movimentos sociais urbanos. A mobilização dos movimentos sociais urbanos existe em função da luta pela exigência do acesso por parte da população à cidade – moradia, mobilidade, serviços, infraestrutura básica, cultura e lazer, etc., acesso esse negligenciado pela lógica de reprodução capitalista. O trabalho presente optou por analisar espacialmente as favelas de Londrina e de que maneira os movimentos sociais atuavam nos espaços segregados de moradia irregular, na mobilização de bairro e luta pelas garantias de condições básicas de sobrevivência. O que pudemos observar na localização das favelas em Londrina é os espriamentos desses espaços, localizados em todas as regiões da cidade, ao mesmo tempo apresentando diferentes formas e características distintas.

As ocupações irregulares na região leste foram o objeto de estudo do trabalho, na medida que consideramos importante a investigação de espaços menos evidenciados dentro do estudo dos processos de favelização da cidade de Londrina. A favela Santa Fé – Horta é uma ocupação irregular que se instalou no fundo de vale do Córrego Água das Pedras desde 1992 e que vivencia uma realidade negligenciada pelo Poder Público, entretanto a maior problemática reportada pelos moradores do bairro foi relacionada às inundações causadas pela chuva. Os moradores pontuaram a segurança e tranquilidade de habitar um terreno próprio e quando questionados sobre movimentos sociais atuantes no bairro, desconheciam qualquer tipo de mobilização.

Concluimos, por meio da leitura de autores e pesquisa de campo, que a vulnerabilidade socioambiental é a maior ameaça às ocupações irregulares próximas ao Córrego Água das Pedras, pela ausência do Estado em proporcionar condições básicas de moradia e os agravantes da precariedade e insalubridade das habitações. O que nos chamou a atenção foi o fato de não haver muitas informações a respeito da atuação dos movimentos sociais nas ocupações e na luta por melhores condições de moradia e acesso à cidade, havendo confirmação dessa hipótese em entrevistas com os moradores da favela Santa Fé.

Ao correlacionarmos a favela Santa Fé com as teorias que norteiam o entendimento dos movimentos sociais, podemos ver no local a característica de lutas individualizadas que pela

situação sociais se transformam em coletivos. Em entrevistas moradores afirmam que no início da ocupação do lugar a qualidade de vida precária da população fez com que as relações de solidariedade fossem mais fortes, toda via, a chegada da urbanização no local causou mudanças na consciência coletiva, havendo portanto um enfraquecimento do movimento social que reivindicava direito por moradia e melhorias na qualidade de vida.

Nesse contexto, percebemos a importância da ação dos movimentos sociais organizados na luta conjunta com a população carente de direitos à cidade e acesso a condições básicas. Propomos para os próximos estudos, um levantamento da existência dos movimentos sociais urbanos atuantes na cidade de Londrina por meio de pesquisas em fontes relacionadas à área da comunicação e possíveis partidos políticos filiados a estes grupos, a fim de investigar a fundo quais são esses movimentos e desenvolver uma pesquisa aprofundada da sua atuação.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ruth. Movimentos sociais na América latina. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, p. 27–37, jan. 1987.

CARVALHO, José Murilo de. Introdução. In.: Dulce Chaves Pandolfi; Mario Grynszpan. (Org.). **A favela fala: depoimentos ao CPDOC**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

CARLOS, A.F.A. **A Cidade**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 1997.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Diferenciação socioespacial. **Revista Cidades**, v. 4, n. 6, 2007. Disponível em: <
<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/569/600>>. Acesso em:
02/12/2019

CORREA, Roberto Lobato. O espaço urbano: notas teórico-metodológicas. **Geosul**, v. 8, n. 15, 1993. p. 13-18

DA MATA, Daniel; LALL, Somik V.; WANG, Hyoung Gun. Favelas e dinâmica das cidades brasileiras. **Ensaio de economia regional e urbana**, 2008. p. 47-64,

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 65, 2007. p. 61-72

FREIRE, Paulo, **A Pedagogia do Oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. p.107.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333–361, maio/dez. 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola. 2007.

GONDIM, Linda MP. Habitação popular, favela e meio ambiente. **Anais do I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, v. 1, 2010.

MARICATO, Ermínia. **Favelas – um universo gigantesco e desconhecido**. São Paulo, 2001.
Disponível em:<
http://fau.usp.br/deprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato_favelas.pdf>. Acesso em:
01/12/2019

MELCHIOR, L; DA SILVA, W. Análise das moradias precárias em Londrina (PR). **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2005, vol. IX, núm. 194 (28). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-28.htm>> [ISSN: 1138-9788]

MENDONÇA, Francisco. SAU–Sistema Ambiental Urbano: uma abordagem dos problemas socioambientais da cidade. In:____. **Impactos Socioambientais Urbanos**. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

NETO, Sydenham Lourenço; DE MELLO PIMENTEL LOURENÇO, Ana Cristina. A Favela Ainda Não Venceu, Mas Continua Lutando. **Movimentos Sociais De Moradores De Favela No Rio De Janeiro. Opsi**, v. 9, n. 13, p. 136–151, dez. 2009.

OKAMURA, Júlia Luciana Pereira das Dores. **Que lugar é esse, União VI?** O pertencer às favelas de Londrina-PR. 2016. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2016.tde-02122016-130134. Acesso em: 2020-11-14.

OLIVEIRA, Edilson Luís de. **Divisão do Trabalho e Circuitos da Economia Urbana em Londrina - PR**. 2009.p. 338. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Marcio Piñon de. Para Compreender o “Leviatã Urbano” – a cidadania como nexos político-territorial. In: CARLOS, A. F. et al (org.), **A Produção do Espaço Urbano: Agentes e Processos, Escalas e Desafios**.1º ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. P.177-206

PANDOLFI, D.; GRYNSPAN, M. Poder público e favelas: uma relação delicada. In: **Cidade: história e desafios** / Lúcia Lippi Oliveira, organizadora. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2002.

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**.3º ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo. 2009. p.136.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Cidadã: Por Uma Epistemologia da Existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre. Nº 17. p.7-14. Ago.1996.

SOUZA, Marcelo Lopes. A Cidade, a Palavra e o Poder: Práticas, Imaginários e Discursos Heterônimos e Autônomos na Produção do Espaço Urbano. In: CARLOS, A. F. et al (org.), **A Produção do Espaço Urbano: Agentes e Processos, Escalas e Desafios**.1º ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p.147-166

SOUZA E SILVA, Joílson (org). **O que é Favela, Afinal?** 1º ed. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. **Um Século de Favela**. 5ª ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006